

## **AS CRIANÇAS E SUAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS: UMA PESQUISA EM PROCESSO**

Renata **Gazé** – UNIRIO

### **Resumo**

Hoje muitas crianças convivem com narrativas audiovisuais na tv, no cinema e na Internet. Como se relacionam com este vasto universo envolvendo sons e imagens e que experiências / repertórios trazem a partir do que vivenciam numa cultura audiovisual? E como produzem suas próprias narrativas com imagens e sons?

A pesquisa de mestrado brevemente apresentada tem como referencial teórico os Estudos Culturais latino-americanos, que apontam a cultura como sendo produzida nos muitos espaços por onde circulamos e pelas diversas mediações que acontecem nestes espaços. As narrativas audiovisuais fazem parte deste universo e buscamos perceber neste estudo como as crianças criam utilizando áudio e vídeo. A metodologia utilizada é a pesquisa-intervenção e as crianças constroem a pesquisa junto com o pesquisador. O campo da pesquisa é construído através de oficinas de produção de narrativas audiovisuais num espaço onde significados são produzidos e repensados.

**Palavras-chave:** crianças, narrativas, audiovisual

## **AS CRIANÇAS E SUAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS: UMA PESQUISA EM PROCESSO**

**Pesquisadora:** Alguém aqui já fez filme?

**Mateus:** Eu faço histórias e quero transformar em filmes.

**Laís** – Eu tô com uma história toda na cabeça e depois que todo mundo chegar eu posso contar. Não trouxe papel, mas tá na minha cabeça e eu posso contar.

**(Diário de campo – dia 19/10/2013)**

Esse diálogo aponta uma situação de pesquisa em que as crianças produziam suas narrativas audiovisuais. A conversa inicial mostra que elas queriam fazer um filme e

tinham já uma idéia básica de roteiro e de que as histórias criadas por elas poderiam ser transformadas em filmes. Neste trabalho busco nas relações das crianças com as narrativas audiovisuais um possível caminho para perceber qual o repertório que elas trazem nos dias de hoje e como se apropriam destas narrativas quando elas próprias se tornam autoras e produtoras de suas histórias em áudio e vídeo, buscando compreender melhor o contexto atual de ser criança.

Hoje sabemos por diferentes estudos, como os de Ribes (2012), Salgado (2005), Fernandes (2009), Fantin (2011) que as crianças são reconhecidas como autoras e produtoras das suas histórias, como mostram nas diferentes pesquisas já realizadas. Podem narrá-las com áudio e vídeo e podem disponibilizá-las e transmiti-las também através das redes sociais da Internet, além das telas da tv e do cinema. No entanto, como tais crianças se relacionam com este vasto universo envolvendo sons e imagens? Como adquirem conhecimentos para lidar com essas narrativas e para construir as suas próprias a partir do que veem nas telas? Que experiências trazem a partir do que vivenciam como receptoras e produtoras de cultura?

Olhar para as crianças como produtoras de cultura e autoras de suas próprias histórias, através das produções audiovisuais realizadas por elas, é também perceber como criando e contando histórias os valores são construídos e os significados são repensados. Trago neste texto as reflexões de uma pesquisa de mestrado em andamento.

### **Referencial teórico**

Destaco que minha pesquisa ocorre no contexto teórico dos Estudos Culturais latino-americanos e também dialoga com os conceitos de cultura, produção de narrativas audiovisuais e infância. Assim, para citar alguns dos autores que venho estudando e com os quais busco dialogar, trago do campo teórico dos Estudos Culturais latino-americanos as perspectivas apontadas por Jesús Martín-Barbero, Nestor Canclini e Guillermo Orozco Gomes. Para pensar a infância em pesquisa trago as autoras Rita Ribes, Raquel Salgado e Adriana Hoffmann. Dialogo ainda com Walter Benjamin, Silviano Santiago e Jorge Larrosa, pensando narrativa e experiência à luz de alguns de seus estudos. E como meu trabalho está sendo realizado através de uma pesquisa-intervenção com crianças, também trago autores como Lucia Rabello de Castro, Mônica Fantin e Rosália Duarte. São conceitos que de alguma maneira estão interligados, assim como o repertório, a produção e a cultura trazidos pelas crianças também aparecem interligados.

Entendo também que ao investigar a relação das crianças com as narrativas audiovisuais, é preciso conceituar que ideia tenho de narrativa e de narrativa audiovisual. Benjamin (1994) nos traz a narrativa em sua forma clássica, artesanal, transmitida oralmente, carregando a experiência daquele que narra e muitas vezes sendo semelhante a um conselho daqueles que não precisam de explicações, deixando que o leitor ou ouvinte interprete aquilo que lê ou escuta, como nas fábulas e provérbios. Essa narrativa, no entanto, sofreu mudanças na medida em que os hábitos e as culturas dos povos também foram modificados, especialmente pela convivência com novos meios de comunicação. Chegamos na pós-modernidade e Santiago (1989), a partir dos contos de Edilberto Coutinho, nos traz questões para refletirmos sobre quem é o narrador pós-moderno, indagando se quem narra uma história hoje é quem a experimenta ou quem a vê. A experiência do ver é importante e muito se pode narrar a partir do que é observado, no entanto ele nos diz que “o narrador que olha é a contradição e a redenção da palavra na época da imagem. Ele olha para que o seu olhar se recubra de palavra, constituindo uma narrativa.”

Hoje podemos escolher dentre diversos suportes para narrar o que queremos e o audiovisual foi o escolhido para realizar esta pesquisa. Entendo que narrativa audiovisual é toda aquela produzida com imagem e som de maneira articulada. Tal entendimento parte do pressuposto de acordo com Martin (2003) de que o audiovisual acontece na pesquisa a partir da sua linguagem. Dentre os muitos eixos possíveis, escolhemos pesquisar com as crianças a partir de apenas 4 eixos dessa linguagem: roteiro, produção, enquadramentos e edição. É desta forma que entendo “narrativa audiovisual” para o desenvolvimento deste trabalho.

### **Metodologia – o processo da pesquisa**

A metodologia da pesquisa acontece através de oficinas, constituindo-se numa pesquisa-intervenção, que compreendo como aquela que tem o objetivo de tentar mudar algo junto com os sujeitos nela envolvidos e onde todos são co-responsáveis pela mudança, assim como nos diz Castro:

“Ela (a pesquisa intervenção) permite a criação de espaços de fala em que outros pontos de enunciação, além daquele do pesquisador, possam ser produzidos. Isso significa, em última instância, possibilitar que crianças e jovens possam se tornar não apenas participantes ativos do processo de pesquisa, como também seus responsáveis. Assim, tornar-se agente significa se tornar responsável pelo que se afirma, pelo que se faz e pelo que se quer.” (Castro, 2004, pag. 39)

Uma pesquisa que acontece com as crianças e não sobre as crianças, já que elas são co-autoras nesse processo e, nesse sentido, pesquisador e pesquisados constroem juntos o campo de pesquisa. Realizamos o campo com filhos de alunos da UNIRIO, através de 7 oficinas de criação e produção, nas quais conversamos e desenvolvemos jogos e brincadeiras sobre as maneiras de se criar e produzir histórias com áudio e vídeo. Realizamos atividades práticas para criação e produção das histórias, com criação de roteiros, storyboards, cenários, figurinos, objetos de cena e definição de como atuar em cada história produzida. Inicialmente tivemos cerca de 10 crianças inscritas, mas ao final apenas 4 crianças permaneceram e foi com base nas criações e falas destas que a pesquisa está transcorrendo.

A opção por utilizar o nome das crianças remete à concepção de infância como campo de produção cultural e como construção social de cada época, onde as crianças são sujeitos ativos durante todo o processo e são de fato co-autoras de todo o material produzido no campo. Assim, quando consultadas sobre seus nomes aparecerem, responderam que gostariam de ter seus nomes verdadeiros mencionados, ao que seus responsáveis consentiram.

As crianças demonstravam o quanto estavam implicadas com o processo e como tornavam-se parte dele, o que acontece numa pesquisa-intervenção que também é pesquisa-implicação. Pensando ainda nos lugares de alteridade (Ribes, 2012) experimentados por adultos e crianças durante todo o processo de pesquisa:

“Assim, o que aqui nomeamos como pesquisa *com* crianças implica, portanto, a construção de uma postura de pesquisa que coloca em discussão o lugar social ocupado por pesquisadores e crianças na produção socializada de conhecimento e de linguagem. Mais do que uma opção por ter crianças como interlocutoras no trabalho de campo, implica pensar os lugares de alteridade experimentados por adultos / pesquisadores e crianças ao longo de todo o processo de pesquisa.” (Ribes, 2012, pág 63)

A produção, envolvendo a criação de cenários, figurinos, objetos de cena e definição de como cada um quer atuar, pode ser um espaço de brincar de fazer filmes e ao mesmo tempo mostrar os conhecimentos que possuem. Salgado (2005) nos diz que quando as crianças criam suas próprias narrativas elas alternam os papéis de autor e personagem e, assim, também compõem suas identidades. Ela também nos fala sobre o

quanto o universo lúdico infantil é rico e estimulante para que a criança crie suas histórias a partir dele e fale sobre si mesma nas histórias criadas:

“É também nesse universo que as crianças, ao criarem narrativas, vêem-se como autores e personagens das histórias que inventam e deparam-se, no espelho refletido por essas histórias, com a imagem dos heróis e vilões que constroem para suas próprias vidas. Brincando, jogando e criando narrativas, as crianças estão falando de si próprias, de seus medos, coragem, angústias, sonhos e ideais.” (Salgado, 2005, pag 238)

### **Considerações em processo**

O acesso das crianças e o consumo por elas de histórias narradas com imagens e sons é bem diverso e isso foi possível perceber tanto nas respostas que nos deram nas rodas de conversas quanto nos roteiros livremente criados por elas para contarem o que tivessem vontade. Apareceram histórias com enredos bem variados, desde príncipe e princesa que viveram felizes para sempre, passando por fantasma que assustava as pessoas, personagens mutantes vivendo em outra dimensão e uma família que vai passear e encontra uma árvore que devorava seres humanos. As histórias criadas por elas, de alguma maneira, remetiam às histórias que liam e aos desenhos e filmes que viam.

Quando estamos em contato com algum produto audiovisual, seja ele qual for, composto por uma narrativa longa ou curta e sem importar se nos desperta maior ou menor interesse, sempre, de alguma maneira, nos apropriamos daquilo que estamos vendo e ouvindo. Formamos nossas opiniões, por vezes fazemos algum juízo de valor, nos identificamos mais ou menos com o conteúdo, determinamos por quanto tempo estaremos atentos àquela narrativa, entre outros. Apropriações que as crianças igualmente fazem sobre os conteúdos audiovisuais a que tem acesso e que também vão colaborando para a formação de seus repertórios. E, ainda, quando incentivadas e quando há interesse por parte delas, enquanto produtoras de cultura que também são, produzem suas próprias histórias e nelas nos contam, de alguma forma, sobre suas questões e suas visões de mundo, mostram parte do repertório que tem e que trazem sobre como criar e contar uma história, sobre como devem adequar o conteúdo escolhido e criado por elas para a linguagem audiovisual.

Nas produções das crianças durante as oficinas e através de conversas realizadas com elas, podemos ver a cultura abarcando o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo na vida social, dos quais nos fala Canclini (2005), e

vemos também as hibridações da cultura no audiovisual que surgem entre as histórias vividas e contadas.

## Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. *A cultura extraviada nas suas definições*. In: *Diferentes, desiguais e desconexos: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005, p. 35-53.

CASTRO, Lucia Rabello de. Conhecer, transformar (-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lucia Rabello e BESSET, Vera Lopes (orgs). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. *A narrativa no pensamento de Walter Benjamin*. Revista Cultura Vozes: cultura, educação e filosofia, Petrópolis: Editora Vozes, n. 3, mai/jun. 2003.

MACEDO, N. M. R.; SANTOS, N. O.; FLORES, R. L. B.; PEREIRA, R. M. R. Encontrar, compartilhar e transformar: reflexões sobre a pesquisa-intervenção com crianças. In: PEREIRA, R. M.; MACEDO, N. M. R. (orgs). *Infância em Pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

SALGADO, Raquel Gonçalves, Solange Jobim e Souza (orientadora). *Ser criança e herói no jogo e na vida: a infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados*. Rio de Janeiro, 2005. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, PUC-RJ.

SANTIAGO, Silviano. *O narrador pós-moderno*. In: *Nas malhas das letras*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989, pag 38-52.

